

A POLÍTICA OXIGENADA

Análise As manifestações são uma resposta dos jovens à revolta estéril dos ditos formadores de opinião

por VLADIMIR SAFATLE

"ESTAMOS atordoados." "Não estamos entendendo nada." Quantas vezes você ouviu tais frases nos últimos dias? Pois bem, por trás dessa pretensa humildade de certos analistas diante de "acontecimentos incompreensíveis" nas ruas brasileiras escondia-se o desejo de que tudo fosse realmente incompreensível. No fundo, eles murmuravam: "Pelo amor de Deus, que todos acreditem que nada estará claro daqui para a frente e que é melhor voltarmos à nossa indignação vazia de sempre". Ninguém quis lembrar, por exemplo, de quantos ensaios gerais aconteceram nos últimos anos por meio de um número incontável de greves, de bombeiros a professores, e de revoltas contra a brutalidade policial.

Esse desejo de incompreensão e esquecimento era alimentado por um medo: o de que a política voltasse às ruas

em seu estado nascente e bruto, sem lideranças ou partidos no controle, resistente à revolta estéril dos ditos formadores de opinião. Segundo esses observadores, uma política sem líder e sem tutela partidária não tem direção, concretude e eficácia. O povo brasileiro quis mostrar, porém, quão errado eles estavam.

Os acontecimentos das últimas semanas são a verdadeira face da política daqui para a frente. Longe de reclamações genéricas ou palavras vazias de ordem, ela se foca em um problema preciso e concreto, mas com força para abalar o edifício do discurso oficial. Aconteceu em Santiago do Chile, quando os estudantes saíram para denunciar que atrás do milagre chileno havia uma população espoliada pelos custos exorbitantes das escolas. No Brasil, ao escolher lutar contra o preço vergonhoso de um transporte público miserável e montado principalmente para alimentar máfias de empresários,

os manifestantes mostraram quão pouco as cidades brasileiras melhoraram nas últimas décadas, quão pouco os serviços públicos foram realmente reconstruídos. Ao fazê-lo, desvelaram a verdadeira face do "milagre brasileiro". Como bons psicanalistas, focaram em um sintoma para mostrar como este, na verdade, expunha os impasses da totalidade.

Os manifestantes foram de uma racionalidade admirável. Deram tempo para um novo ciclo de luta contra a desigualdade começar a partir do governo Dilma Rousseff. Mas, depois de três anos de letargia e desonerações inúteis de impostos, eles não viram avanços na área de transporte, na educação e na saúde. O ciclo de ascensão social do lulismo, ficou claro, esgotara-se. O povo dispôs-se ainda a acreditar que os grandes

eventos, a Copa do Mundo e as Olimpíadas, trariam benefícios concretos para as cidades e melhorariam nossa vida cotidiana. Os brasileiros se deram conta, no entanto, de que os beneficiados formam uma casta de empresários e empreiteiras acostumados a lucrar muito com os contratos públicos.

Juntou-se ainda a indignação contra um poder incapaz de se defender a não ser pelo uso da força bruta. (A Polícia Militar há muito tempo deveria ter sido extinta por cotidianamente se comportar como uma manada de porcos selvagens.) Poder que, como sempre, tentou calar o descontentamento na base da bala de borracha e do gás lacrimogêneo vencido. E que expôs sua fraqueza. Isso costuma acontecer diante de um povo disposto a voltar insistentemente ao mesmo lugar.

A brutalidade policial é, na verdade, apenas o lado mais visível de uma democracia parlamentar acabada. Pois a violência cresce quando esse fim chega. O Congresso continuará a existir, mas a população rejeita cada vez mais o fato de ser "representada" por alguém que nunca foi visto por ela e nunca a viu. Os partidos continuarão lá, mesmo se o verdadeiro embate político não se centrar mais na conquista de maiorias parlamentares e se voltar para a constituição de uma força extrainstitucional organizada para legislar em nome próprio por meio da proliferação de mecanismos de democracia direta.

Para vários analistas, não temos ideia do que seria essa mudança e, por consequência, o melhor seria continuar exatamente do modo em que estamos. Afirmam temer o porvir. Eles podem ficar com seu medo do futuro e seu amor neurótico por um presente que amam odiar. Outros não têm receio em dizer: o caminho em direção à criatividade política pode ser tortuoso, difícil, mas nada, absolutamente nada, nenhum tropeço



Lição. A verdadeira democracia exige barulho e luta

ou equívoco, pode eliminar, de uma vez por todas, nossa crença na possibilidade de fazer melhor o que foi feito até agora.

Uma coisa é certa. Há décadas este país não tem uma geração de jovens tão politizada, corajosa e brilhante quanto esta que levou a cabo as manifestações. Muitos deles passaram semanas nas ruas no momento dos movimentos de ocupação, constantemente ridicularizados pela mídia. Outros tantos lutaram por universidades mais democráticas, por direitos iguais aos homossexuais, por causas ecológicas. Hoje, eles conseguiram parar os Poderes da República e deixar a repressão policial completamente atordoadada. Com precisão cirúrgica, obrigaram a suspensão dos aumentos no transporte público e

mostraram à população mais pobre com quem ela pode contar para lutar por uma sociedade realmente igualitária e dotada de serviços públicos dignos e respeitosos em relação aos cidadãos.

Mais do que tentar ensinar aos manifestantes o que e como fazer, censurando-os por não lutarem como até agora se lutou, cabe admirar a sensibilidade desses jovens em compreender o modo dos embates do futuro. Diante deles só cabe dizer: "Confiamos em vocês. Vocês demonstraram força e inteligência. Sigam em frente. A verdadeira democracia é barulho e luta".

FOTO: TARSIS GARRAFESTÃO/CONTÉUIDO